

***Pensamento Espacial e Representação do Espaço Proposta de
Leitura dos Desenhos de Lucio Costa***

Teresa Fonseca

Doutora, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Investigadora do CEAU /FAUP, Grupo Atlas da Casa

Abstract

Drawings by the Brazilian Architect and Urbanist Lucio Costa (1902-1998), present themselves as the main source for our quest on the roles both scientific and artistic of architectural design and space thinking. The prolific drawing activity of the author that has become accessible mostly through the exhibition catalogue of his journeys through Portugal in the 1948-1954, was combined with a discreet personality whose professional work did not prevent him from participating in meetings of paramount importance for the Modern Architectural Movement along with making personal acquaintance of the main figures of the early twentieth century. In our quest for the concepts of space that underlie the various kinds of graphic registers we argue that we are facing a case of precocious capability of solving architectural problems in a most abstract yet sensitive concept of space, even when dealing with heritage.

Sobre a mesa juntamos três livros de Lucio Costa (1902-1998), o arquiteto brasileiro que *inventou* Brasília. Imaginou-a e, depois, deixou a construção a Óscar Niemeyer que era mais novo (afinal, só seis cinco anos mais novo) mas precocemente *estrelar*. O mundo de Costa era maior do que a arquitectura –Leleta, aristocratas e operários, paisagem, história, monumentos e redes de descanso, oceanos e os mesmos transatlânticos que seriam usados por Le Corbusier em viagens em sentido inverso das do brasileiro. *Trem, autobus* e automóvel levaram-no a Minas Gerais nos anos de 1920 e a centenas de aldeias e cidades portuguesas nos 1950, sem máquina fotográfica, com blocos ou bloquinhos de desenho e lápis. Lápis sempre.

Não estará em causa neste nosso trabalho a questão da arquitectura portuguesa e brasileira sobre as quais já muitos têm escrito, com mais autoridade do que quem aqui escreve que não é historiador mas arquiteto. Têm, justamente, incluído nessa questão o envolvimento direto do autor em que nos centramos e, talvez até utilizado alguns dos materiais que nós agora escolhemos para situar as nossas interrogações, em torno do desenho ou da *representação espacial* que queremos tratar.

Quanto ao método que nos propomos desenvolver nesta ocasião, ele envolverá, naturalmente e em primeiro lugar, como fontes, o acervo gráfico do próprio Lucio Costa e exemplos de obra gráfica de outrem sobre a primeira; em segundo lugar, interrogar a biografia do autor em busca dos interesses envolvidos nos seus deslocamentos entre o Brasil e outros mundos, revelando a sua antecipação (teórica e construída) em termos de pensamento espacial e, eventualmente, problematizando alguma falta de protagonismo que lhe é concedido na historiografia da arquitetura moderna e contemporânea. Outras fontes, e numa necessariamente breve revisão biográfica do autor não poderíamos deixar de lado os seus cruzamentos precoces com as grandes figuras do movimento moderno internacional, mas podemos ser surpreendidos com intervenções menos divulgadas como a sua discussão em 1948¹, da “busca de uma nova monumentalidade”, antecipando a sua preparação teórica para Brasília. Então, seremos levados por caminhos e tempos cruzados sem ordem cronológica, porque das mãos de Lucio Costa, se baralharam talhas barrocas brasileiras e portuguesas com alpendres minhotos visitados a posteriori de obras de raiz popular e outras perfeitamente abstractas, “sem dono” até!

¹ Architectural Review, September 1948, “In search of a new Monumentality, a symposium by Gregor PAWLSSON, Henry-Russel HITCOCK, William HOLFORD, Siegfried GIEDION, Walter GROPIUS, Lucio COSTA, Alfred ROTH”, 117-128

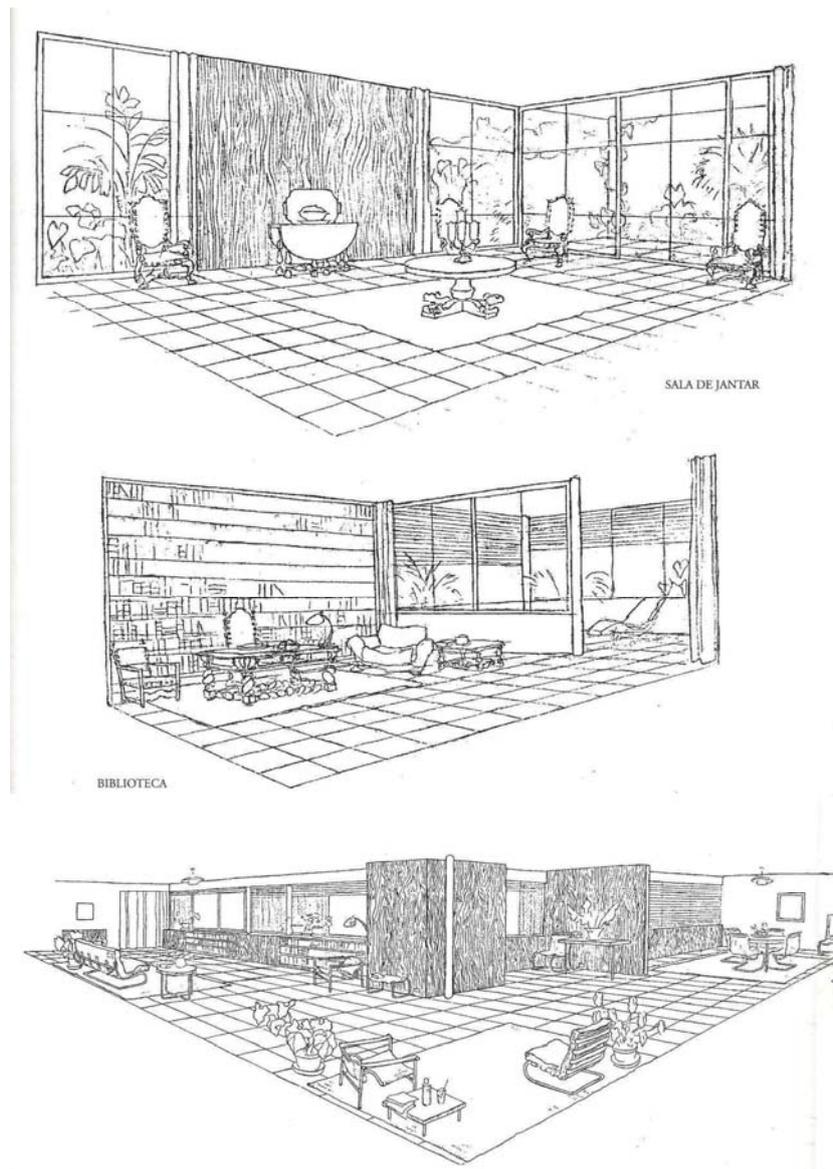


Fig. 1 Em cima *Sala de Jantar e Biblioteca de Casa E.G.Fontes* (1930), em baixo *Casas sem dono 3* (1932-36), montagem nossa a partir de COSTA, Lucio, *Registros de uma vivência*, São Paulo, Empresa das Artes, 1995: 88;65

Ciência e Arte

A primeira questão que nos ocorreu diz respeito à quantidade de desenhos que Lucio Costa terá realizado durante a sua carreira, com a sua própria mão. Irrelevâncias, estas de quantificar produção artística! Não nos referimos, contudo, a um corpus artístico mas a um trabalho visivelmente resultante de uma estrutura de pensamento científico, de método, de circunscrição de campos e tempos, de uma inesgotável curiosidade. Porquê desenhar tantos ornamentos, de monumentos ou construções anónimas?

“Enfim, é tanta coisa interessante nos mesmos gêneros que por vezes aborrece e satura. (Figura 2) E quando chaga a tarde já fico apavorado se vejo uma torre pela frente, mas instintivamente freio a draga e vou indagar quem tem a chave, pois quando menos se espera surge uma coisa verdadeiramente excepcional, daquelas de soltar os pés do chão. Recupera-se então o estado de graça e volta, como por encanto, a emoção que parecia extinta.”²

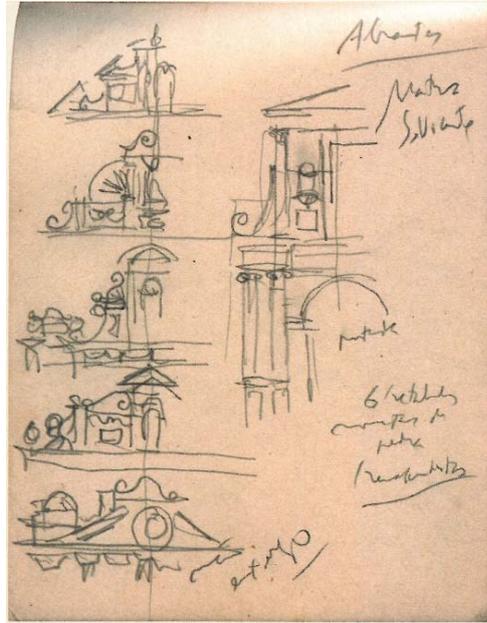


Fig 2. Desenho de Lucio Costa, 1952 “Abrantes, detalhes de coroamento dos retábulos laterais de pedra da igreja de São João”; *Bloquinhos de Portugal: a arquitetura portuguesa no traço de Lucio Costa* /organização, José Pessôa e Maria Elisa Costa.- Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012: 198

Partindo da questão da quantidade nos ocorre a da finalidade: Sobretudo, o para quê, se o pensamento espacial de Lucio Costa é já Moderno (Figura 1) quando empreende as suas grandes viagens de estudo? Responderão alguns que seria para o desempenho dos cargos de direção e renovação da Escola de Belas Artes (1930-1931) ou a fase *do Património, onde sempre funcionei apenas como consultor do Rodrigo*Então, são já pretéritas estas funções relativamente à pesquisa que, em cima, chamamos de científica. De facto, “A primeira incumbência, em 1937, foi ir de hidroavião ao Rio Grande a fim de examinar e decidir o que fazer com as ruínas dos chamados Sete Povos (...) Projetei então o pequeno museu (Figura 3). Em 48, numa viagem de estudo, conheci finalmente Portugal...³.

² Lucio Costa, [Setembro 1952] *Bloquinhos de Portugal: a arquitetura portuguesa no traço de Lucio Costa* /organização, José Pessôa e Maria Elisa Costa.- Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012: 193

³ COSTA, Lúcio, *Registro de uma Vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995:18

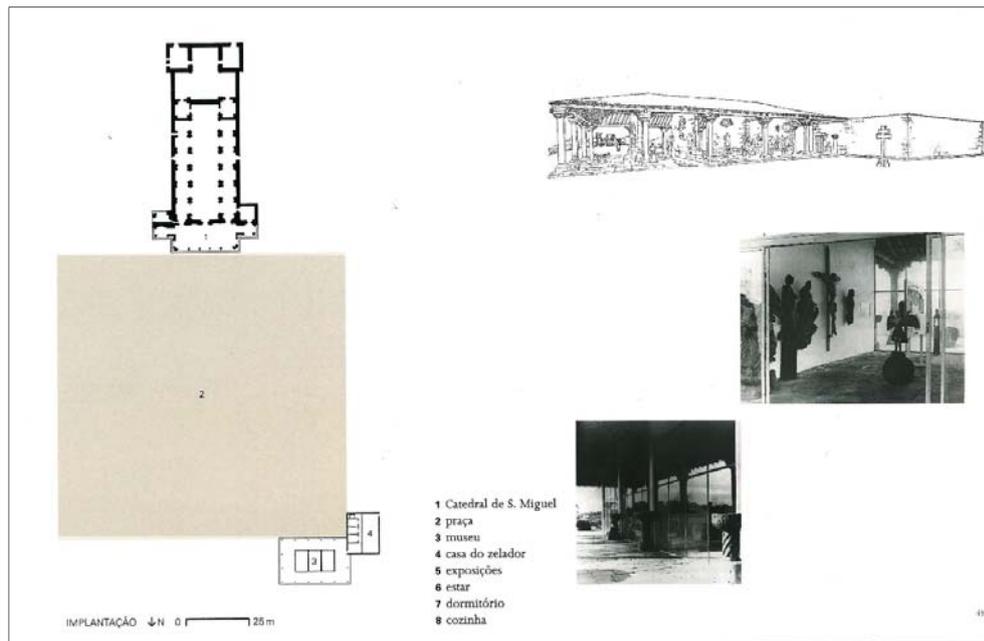


Fig. 3 Museu *das Missões*, 1937. Montagem nossa a partir de Wisnik, Guilherme, Lucio Costa, Cosac & Naify , 2001:62 e de COSTA, Lucio , *Registros de uma vivência*, São Paulo, Empresa das Artes , 1995: 497

Não nos ocorre outra classificação para esta obra a não ser de minimalista, porque o pensamento espacial capaz de entender as distâncias, posições, as dimensões e proporção das peças que configuram o conjunto passou bem para além do moderno. A foto do interior mostra uma disposição das peças que só terá paralelo quase vinte anos mais tarde, na adaptação do Palazzo Abatellis para a Galeria di Sicilia em Palermo, por Carlo Scarpa (1953-1954).

Meditação e invenção

Da observação à abstração ou, como Claude Perrault diria as ideias de arquitetura fazem-se por “meditação” e “invenção” ... sendo a primeira, na melhor tradição, feita com domínio de gestos, repetição, paciência, atenção, exaustividade, *endurance*; quanto à invenção, nada mais será do que “o efeito desse esforço do espírito que dá uma explicação nova às coisas mais obscuras”⁴, ou seja, é o prémio por ter meditado bem - é como diremos hoje, chegar aos conceitos que estão por detrás das evidências. Álvaro Siza diz mesmo, que é “imaginar a evidência”.

As escalas do espaço vivido e imaginado.

⁴ *Les dix livres d'architecture de Vitruve, traduits et corrigés en 1684 par Claude Perrault*, LIVRE I. CHAP II. Pierre Mardaga Editeur 1979: 11

Como acima dissemos, a obra gráfica de Costa nega-nos, enquanto investigadores científicos, dos estáveis conceitos quer do tempo cronológico, quer da evolução técnica dos meios de “riscar o espaço”. Obriga-nos a explorar continuidades insuspeitáveis entre obras artísticas separadas por décadas, uso dos mesmos gestos para representar passado e futuro, casa e território, pedra e paisagem, monumento e palmeira.

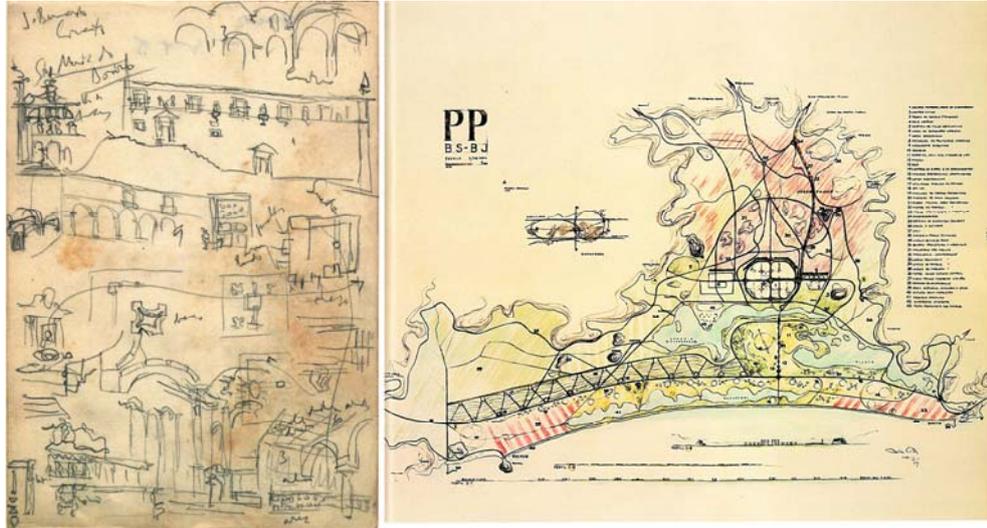


Fig 4. Esquerda, Lucio Costa, *Sta Maria de Bouro*, 1952 em *Bloquinhos de Portugal: a arquitetura portuguesa no traço de Lucio Costa* /organização, José Pessôa e Maria Elisa Costa.- Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012: 88; Direita, Lucio Costa, *Urbanização da Barra da Tijuca*, Rio de Janeiro, 1969, em Wisnik, Guilherme, Lucio Costa, Cosac & Naify , 2001:110

Se o seu colega Óscar quis escrever sobre as curvas do tempo, terá, quanto a nós, visto em seu mentor, o domínio absoluto das curvas do espaço? E sob os grisalhos desenhos de grafite sobre papel ou “quando assinava os seus pareceres com um esmaecido LC, saído do toco de um lápis que era todo o seu equipamento de trabalho” na “repartição”⁵ do SPHAN, alguém descortinou em Lucio a paixão secreta por cor?

Bibliografia

ARCHITECTURAL REVIEW, September 1948

Bloquinhos de Portugal: a arquitetura portuguesa no traço de Lucio Costa /organização, José Pessôa e Maria Elisa Costa.- Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012

⁵ Carlos Drummond de Andrade, “LC na Repartição” em Lúcio Costa, *Registro de uma Vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995:435

COSTA, Lúcio, *Registro de uma Vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “LC na Repartição” em COSTA, Lúcio *Registro de uma Vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995:435

Les dix livres d'architecture de Vitruve, traduits et corrigés en 1684 par Claude Perrault, Pierre Mardaga Editeur 1979

WISNIK, Guilherme, *Lucio Costa*, Cosac & Naify , 2001